

A NATUREZA DO HIPERTEXTO E SUAS IMPLICAÇÕES PARA A LIBERDADE DO LEITOR E O CONTROLE DO AUTOR NAS INTERAÇÕES EM AMBIENTE DE HIPERMÍDIA

Denise Bértoli Braga*

RESUMO: O texto reflete sobre hipertexto, um produto de uma nova modalidade lingüística que dá origem a diferentes realidades textuais, todas elas discutidas no interior desse mesmo conceito. Em termos gerais, o hipertexto indica a necessidade de uma revisão dos conceitos tradicionais de "texto" e "autoria", além de demandar novas formas de leitura, potencialmente mais livres. As idéias aqui apresentadas convergem para a seguinte argumentação: embora a natureza dispersa do hipertexto permita uma maior liberdade no processo de construção de sentidos durante a leitura, ela não exclui totalmente as formas de controle do autor.

PALAVRAS-CHAVE: hipertexto; leitura; liberdade do leitor; controle do autor.

Introdução

O uso de novas tecnologias na intermediação da comunicação gera mudanças lingüísticas seja pelo fato de tornar disponíveis novos recursos expressivos, seja pelos limites impostos pela tecnologia adotada. Tais mudanças já foram observadas quando a escrita passou a ser utilizada em práticas lingüísticas cotidianas e podem também ser constatadas no uso do computador como ferramenta e meio de interação social.

* Departamento de Lingüística Aplicada - Unicamp.

Alguns trabalhos recentes têm descrito e discutido a especificidade da linguagem que intermedeia a comunicação nos diferentes ambientes oferecidos pela Internet: bate papo virtual, fórum de discussão, correio eletrônico, entrevista *on-line*, aula virtual. As diferenças textuais identificadas nesses estudos levaram alguns autores a entender que as interações via computador podem ser categorizadas como gêneros emergentes, produtos de relações sociais e escolhas lingüísticas específicas que caracterizam as trocas verbais nesse novo meio (Gazeta, 2000; Marcuschi, 2002). Em outras palavras, embora esses gêneros possam, muitas vezes, aproximar-se daqueles que já ocorrem em situações face a face – como é o caso dos diálogos e entrevistas em tempo real – o fato de a interlocução ocorrer a distância e de forma escrita altera não só a natureza do contato social, mas também das escolhas lingüísticas privilegiadas nesses novos contextos. Mesmo no caso específico de trocas tipicamente escritas, como a correspondência eletrônica, a rapidez de transmissão e o acesso propiciado pelo computador têm consequências significativas para a constituição do gênero textual,

Essas diferenças ficam também evidentes quando levamos em consideração a produção e a leitura de hipertextos. Algumas das características recorrentes que distanciam o hipertexto do texto impresso podem ser entendidas como decorrentes do meio que demanda uma nova modalidade lingüística: a escrita digital ou escrita eletrônica. Essa nova modalidade lingüística engloba formas alternativas de construção textual que buscam contornar as dificuldades impostas à leitura do texto na tela e também explorar os novos recursos expressivos oferecidos pelo meio digital. No entanto, se o conceito de modalidade explica alguns dos traços recorrentes do hipertexto, ele é insuficiente para explicar as alterações que ocorrem no papel do leitor e do autor no contexto das práticas interativas nos ambientes de hipermídia (Burbules e Callister, 2000). O conceito de gênero discursivo talvez seja mais explicativo para entendermos essas mudanças. Entretanto, como as interações via

Internet são relativamente recentes, a produção e a leitura de hipertextos parecem ainda estar em processo de normatização. Isso explicaria por que os trabalhos teóricos sobre hiperleitura ainda têm discutido o conceito de hipertexto de forma geral, sem apresentar reflexões específicas sobre a existência de categorias particulares de gêneros hipertextuais. Dado o uso cada vez mais freqüente da Internet como fonte de informação e trocas textuais, parece-nos oportuno, no momento, entender as implicações que esse tipo de texto traz para as estruturas comunicativas e para as diferentes formas de organização socioculturais.

1. Hipertexto: produto de uma nova modalidade lingüística

Como tem sido historicamente constatado, o uso de novas tecnologias como ferramentas de comunicação gera mudanças nas formas convencionalmente eleitas para veicular informação. Mais especificamente, às convenções adotadas na construção textual são impostas alterações que lhes permitam uma melhor adaptação aos limites e possibilidades inerentes à tecnologia adotada. Tais atuações sistêmicas já foram atestadas no processo de padronização da escrita. Nesse caso, a falta de recursos prosódicos e de elementos da linguagem corporal – traços que na oralidade complementam o verbal – gerou tanto um apoio diferenciado nos recursos lexicais e sintáticos, quanto um uso mais eficiente do aspecto visual. Em relação a esse último, por exemplo, argumenta-se que a tecnologia da escrita permitiu que o espaço em branco e os recursos visuais fossem usados de forma funcional na construção do texto. Segundo Illich (1995), o uso recorrente desses recursos favoreceu o estabelecimento de convenções bastante complexas para a segmentação de informações textuais no nível das unidades microestruturais (limites de palavras, orações e sentenças) e também das unidades macroestruturais (parágrafos, sessões de um texto, capítulos). Ou-

tra questão a ser considerada diz respeito ao aparecimento de formas mais ágeis para a localização de informações (títulos, subtítulos, número de páginas, índices), que foram favorecidas pelos avanços da tecnologia do suporte textual: do rolo ao códex e, posteriormente, ao livro (Chartier, 1997).

Gradativamente os avanços técnicos também levaram a uma mudança nas relações entre textos e imagens, permitindo uma maior integração do texto verbal e das ilustrações, que deixaram de ter uma função meramente decorativa e passaram a ser também parte constitutiva da informação textual. Estudos como os desenvolvidos por Kress (1998; 1999) e Kress e van Leeuwen (1996; 2001) ressaltam o papel, cada vez mais importante, que o aspecto visual tem desempenhado no processo de difusão das informações nos textos veiculados pela mídia ou pelos livros didáticos. Ao contrário do que acontecia até recentemente, a informação passada pela imagem deixa de ter uma função de mero apoio do texto verbal e passa a assumir um papel central no processo de construção de sentidos e leituras. Quanto a essa tendência, é possível conjecturar que o acúmulo de informações instiga à busca de formas mais ágeis de transmissão de informação. Nesse caso, a imagem torna-se um meio de acelerar o processo comunicativo, levando em conta que, como reza a crença popular, “uma foto vale por mil palavras”. Ainda focalizando os aspectos visuais do texto, é importante considerar que os avanços tecnológicos facilitaram e tornaram economicamente viável a produção e a reprodução de imagens. De fato, se contrastarmos o uso de xilogravuras para ilustrar matérias da imprensa descritas por Gombrich (1986), com a inserção e a edição de fotos e imagens que hoje encontramos nos textos jornalísticos (Selfe, 1999; Oliveira, 2002), é possível afirmar que os dispositivos técnicos e, principalmente, os recursos digitais disponíveis favoreceram a complexa integração dos aspectos verbal e visual, integração que caracteriza a construção bimodal de uma parte significativa dos textos atualmente em circulação. Se o impacto da tecnologia digital é per-

ceptível mesmo na produção e reprodução de textos impressos, é de se esperar que tal impacto seja ainda mais radical e perceptível nos textos construídos para serem veiculados pela Internet. Discutindo o impacto do computador na comunicação, Manovich (2001) sugere ser o computador um meio de convergência entre duas trajetórias que ocorreram separadamente na história: tecnologias computacionais e tecnologias de mídia. A integração desses dois tipos de desenvolvimento tecnológico reforça as formas culturais e as formas de linguagem existentes. Na mesma direção, Warschauer sugere que

[...] na multimídia computacional, ou CD-ROMs, e na Rede Mundial de Computadores a integração de textos e materiais audiovisuais é mais completa, fazendo com que os processos de leitura e escrita transformem-se em produção e interpretação de multimídia.¹ (Warschauer, 2000: 8)

Na realidade, a produção e a recepção de textos no formato de multimídia são uma das grandes mudanças que se colocam para a comunicação nesse novo meio. Tal mudança pode ser atribuída tanto à necessidade de contornar os limites que a tela impõe à leitura, quanto à possibilidade de integrar, de forma eficiente e funcional, as diferentes modalidades que o computador, como ferramenta de produção textual, disponibiliza para a construção de sentidos.

O processo de adaptação da linguagem ao novo meio é bem ilustrado no estudo de Selfe (1989). Esse estudo descreve o modo como um grupo de alunos, engajados em uma disciplina que visava ao ensino da escrita através do uso de processadores de texto, alterou a organização e a forma de disponibilização do texto de modo a facilitar a leitura na tela. Um dos problemas mais evidentes na concepção e apresentação de textos escritos via computador é que

¹ Tradução da autora.

a tela não é uma página, e nela o texto desdobra-se verticalmente como um rolo contínuo, o que dificulta tanto a percepção do texto com um todo, quanto a utilização de pistas visuais que indicam os parâmetros organizacionais do texto. Esse limite foi intuitivamente detectado pelos alunos que participaram do estudo desenvolvido por Selfe. Prevendo possíveis dificuldades de leitura de um texto disposto de forma seqüencial na tela, o grupo, sem nenhuma orientação prévia, buscou modos de formatação alternativos com o objetivo de facilitar a interação do leitor com o texto. Segundo a autora:

[...] os estudantes usaram convenções de formatação que eram baseadas na tela e não na página, usando com frequência parágrafos mais curtos que podiam ser visualizados em uma única tela, segmentando o texto em unidades que eram do tamanho desta – de forma que os leitores pudessem usar de modo eficiente as teclas “page up” e “page down” à medida que fossem lendo – e centrando o texto na janela da página. Uma segunda característica de textos escritos para a tela, talvez mais incomum, envolveu o uso de cores como pistas visuais para o conteúdo lógico e a estrutura subjacente. Os estudantes usaram, por exemplo, três cores diferentes para significar cabeçalhos primários, secundários e terciários; usaram duas cores diferentes para “pintar” argumentos contrastantes dentro de um mesmo parágrafo; usaram código cromático para identificar teses ou afirmações tópicas e a evidência que apoiava essas idéias centrais. Essas estratégias de “pintura” são importantes porque vão além da mera decoração de um texto e representam uma revelação visual de estruturas lógicas.² (Selfe, 1989 – URL: <http://www.hu.mtu.edu/~cyselfe/texts/redefine.html>)

Esse estudo ilustra, de forma bastante clara, como os limites e os recursos do meio podem favorecer o aparecimento de novos padrões nos modos de construção textual. No caso relatado, os limites da tela levaram os alunos a optar pela construção de segmentos de

² Tradução da autora.

textos mais sintéticos. Já os recursos do meio (facilidade de uso de cores, teclas para acesso às telas anterior e posterior) foram contemplados de forma funcional no processo de construção de textos. Considerando o tipo de texto veiculado atualmente pelos CD-ROMs e pela Internet, é possível perceber que as mudanças de modalidade descritas por Selfe podem ser consideradas indícios embrionários de mudanças posteriores. Tais mudanças ficaram ainda mais marcadas a partir do desenvolvimento de ferramentas técnicas com “interface amigável”, que permitiu que usuários leigos em linguagem computacional pudessem explorar, na construção de textos, os recursos expressivos de diferentes linguagens (língua escrita e oral, som, imagens estáticas e em movimento) e utilizar *links* eletrônicos como um recurso estruturador do texto. A estruturação múltipla da informação, na qual um nó ou segmento remete a outros nós ou segmentos, veio alterar os processos de leitura e a própria noção de texto. Essas novas formas de apresentar a informação e, ao mesmo tempo, com ela interagir na tela trazem em seu bojo, como era de se esperar, uma série de implicações sociais que começam a ser consideradas, nos estudos sobre hipertexto, do ponto de vista teórico.

2. Hipertexto: algumas considerações conceituais

Discutir hipertexto como uma categoria geral, ou refletir sobre as implicações sociais de seu uso, implica dois tipos de problemas. Do ponto de vista social, embora o uso de hipertexto seja cada vez mais freqüente, talvez seja ainda muito cedo para termos total compreensão acerca da natureza das convenções que subjazem seu uso e das funções convencionais que ocupam em situações sociais específicas. No entanto, é de se esperar que haja grandes diferenças entre os hipertextos de natureza literária, contemplados nos estudos de Snyder (1996) e Landow (1997), e os hipertextos de natureza informativa, considerados em Burbules e Callister (2000). Do ponto de vista conceitual, o termo “hipertexto” tem sido usado



na literatura para fazer referência a realidades lingüísticas bastante distintas. Salientar algumas dessas diferenças talvez seja uma forma de mostrar a necessidade de um maior refinamento conceitual e também uma maneira de estarmos alertas para as mudanças que esse tipo específico de texto pode trazer para a comunicação e para as relações sociais.

Snyder (1996; 1998) indica a necessidade de considerarmos diferentes tipos de hipertexto, apresentando algumas relações dicotômicas que podem ser úteis nesse sentido. Segundo a autora, os hipertextos podem ser apresentados ao leitor de forma isolada ou em sistemas de hipertextos. Os hipertextos isolados podem ser monomodais ou multimodais. Entendemos que as questões de modalidade lingüística, discutidas anteriormente, talvez sejam mais fáceis de serem analisadas quando esse tipo de hipertexto é focado.

Contrastando os hipertextos isolados, construídos de forma estritamente verbal, com textos impressos, algumas diferenças de modalidade ficam bastante salientes. No hipertexto, a informação é apresentada de forma não-linear e seqüencial, o que impede que o leitor veja o texto como um todo coeso, com começo, meio e fim. Como coloca Kaplan (1995), cada escolha de direção feita pelo leitor nos seus encontros com o texto emergente na tela produz, na realidade, esse texto. Embora os *links* eletrônicos ofereçam caminhos possíveis de leitura, cabe ao leitor determinar esses caminhos. Essas mesmas características de leitura também se encontram nos textos isolados que recorrem ao uso de mais de uma modalidade. No entanto, a possibilidade de explorar outros modos de representação, criando uma realidade multissensorial, é outra particularidade que não encontra paralelo nos modos de representação impressos.

Em relação aos sistemas de hipertexto, Snyder apresenta duas grandes categorias: sistemas fechados – como ocorre no caso dos CD-ROMs – ou sistemas abertos – como é o caso da *Rede Mundial de Computadores* (WWW). As *relações intertextuais* são centrais no processo de leitura e na construção de sentido de qualquer tipo de

sistema de hipertexto. Embora a remissão a outros textos seja uma prática corriqueira em certos gêneros de textos impressos, como, por exemplo, no texto acadêmico, não podemos ignorar que a diferença marcante que existe entre essa realidade e a dos sistemas de hipertextos é que, nessa última, a inter-relação entre textos não é apenas indicada, mas disponibilizada na íntegra ao leitor no momento da leitura. Essa inter-relação passa a ser parte constitutiva do próprio hipertexto. Outra particularidade a ser considerada é que há uma diferença marcante nas relações intertextuais: elas podem ser contempladas e, até certo ponto, direcionadas pelo autor ou autores do hipertexto (como ocorre no caso específico dos CD-ROMs), e podem ser também potencialmente infinitas e não controláveis, como é o caso dos textos disponibilizados na rede.

Discutindo a questão específica dos sistemas de hipertexto abertos, Burbules e Callister (2000) chamam nossa atenção para o fato de que as leituras de hipertextos na WWW podem ser entendidas como “acessos tecnicamente facilitados” a uma gigantesca biblioteca mundial. Para os autores, o hipertexto pode ser entendido como um produto de um momento histórico-social em que o volume de informação cresceu de tal forma que se tornou necessária a criação de modos mais eficientes de organização, estocagem e recuperação dos textos em circulação. Assim, à medida que o volume de informação disponível cresce exponencialmente, torna-se indispensável o uso de recursos técnicos para organizar e acessar tais informações. O termo *hipertexto*, quando aplicado a *sistemas de hipertexto*, pode ser utilizado, em suma, para fazer referência tanto a um conjunto fechado de hipertextos nos quais as relações estão explicitamente indicadas através dos *links*, quanto a uma biblioteca virtual de hipertextos, potencialmente infinita. Uma última relação dicotômica colocada por Snyder e também discutida por outros autores (Landow, 1997; Burbules e Callister, 2000) é que o hipertexto pode ser disponibilizado só para leitura ou ser aberto para a inserção de novos textos e *links*. No caso dos hipertextos abertos,

o texto é apresentado ao leitor como processo e não como um produto acabado, como ocorre com o texto impresso.

Sintetizando essa discussão, é possível notar por meio das diferentes categorias tipológicas apresentadas por Snyder que o termo “hipertexto” ainda é utilizado na literatura de forma bastante abrangente, referindo-se, como já mencionamos anteriormente, a realidades bastante distintas. Essas diferenças precisam ser contempladas em teorizações que tenham por objetivo delimitar com maior precisão as características básicas que distinguem o hipertexto do texto impresso e, também, descrever os modos como o hipertexto pode alterar as formas tradicionais de comunicação.

Uma síntese bastante informativa sobre as características que marcam as diferenças entre texto e hipertexto pode ser encontrada em Xavier (2002). Nesse trabalho, o autor sugere quatro traços distintivos:

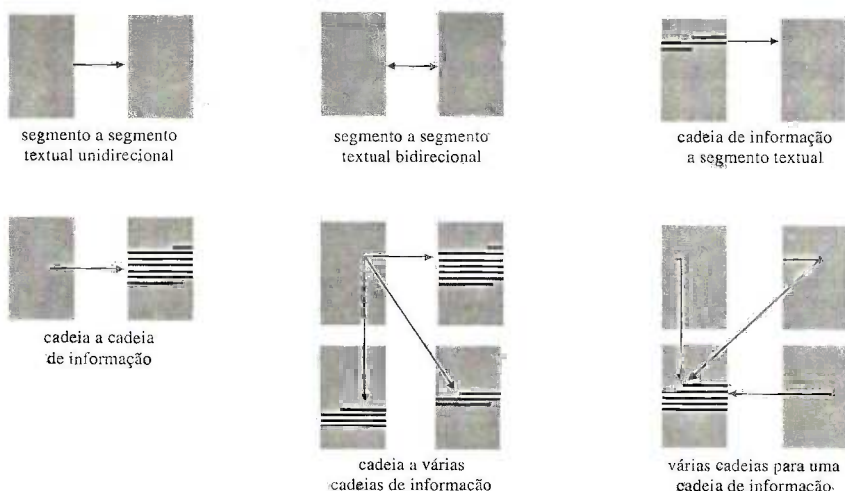
- a) a imaterialidade: o texto é necessariamente virtual, ou seja, o acesso às partes constitutivas de um hipertexto por meio de *links* só é possível na tela;
- b) a confluência de modos enunciativos: há reunião de diferentes mídias no processo de construção textual;
- c) a não-linearidade como uma regra constitutiva da construção textual;
- d) a intertextualidade infinita.

Se considerarmos os diferentes tipos de hipertexto discriminados por Snyder é possível percebermos que tanto a imaterialidade do texto quanto a apresentação não-linear da informação textual estão presentes em todo tipo de hipertexto. No entanto, os hipertextos variam em relação à confluência dos modos enunciativos eleitos e das relações intertextuais que promovem. Independente dessas diferenças, é possível considerarmos que, de modo geral, a comunicação via hipertexto certamente nos leva a rever a definição tradicional de “texto” e “autoria”, além de abrir novos espaços para a participação do leitor no processo de construção de sentido.

3. O conceito de texto e de autoria no ambiente de hipermídia

Para refletirmos sobre a noção de *texto* e *autoria*, é pertinente considerarmos as contribuições de Landow (1997), pois, muito embora se refiram a uma realidade na qual o hipertexto ainda não era muito explorado, suas colocações são ainda pertinentes para explicar as mudanças que ocorreram posteriormente na produção de textos para o meio digital. Landow enfatiza que os conceitos de *texto* e *textualidade* estão muito marcados pelas concepções que trazemos de nossa experiência com textos impressos, e podem ser problemáticos se aplicados ao hipertexto. Nesse contexto, há uma mudança significativa em nossas experiências com *a leitura, a escrita e o texto*, e o uso de termos tão marcados pela tecnologia do texto impresso pode gerar equívocos quando aplicados ao texto digital, como tentamos evidenciar na discussão que segue.

Segundo Landow, uma das razões que leva a hipertextualidade a reconfigurar o texto é a possibilidade de conectar textos e segmentos textuais através de *links* eletrônicos, uma característica que afeta de forma bastante direta as concepções tradicionais de *textualidade* e *estruturas retóricas*. Tomando como referência os textos de natureza verbal, o autor descreve seis tipos de conexões possíveis (ver figura 1), segundo se considere a inter-relação entre cadeias de palavras, ou sentenças, e segmentos de texto. Segmento de texto (ou *lexia*), nesse contexto, refere-se aos diferentes subtextos constitutivos do hipertexto, os quais são, na tela, apresentados ao leitor como um todo coeso que pode ser lido de forma independente.



Figural: Possibilidades de links contemplados por Landow (1997).

Dentre as categorias consideradas por Landow, a relação mais simples entre informações é a conexão unidirecional de dois segmentos de textos na íntegra. Esse tipo de relação não exige muito planejamento por parte do autor, mas pode desorientar o leitor se usada em documentos mais longos. Uma alternativa, mais flexível, é a ligação bidirecional entre dois segmentos textuais, já que esse tipo de ligação permite que o leitor volte e refaça seu percurso de navegação, obtendo, assim, um meio de orientação. A ligação de uma cadeia de palavras ou sentenças a um segmento textual delimita melhor a relação prevista pelo autor.

Pode-se observar (considerando ainda a figura acima) que a orientação oferecida ao leitor fica ainda mais evidente quando as conexões envolvem cadeias específicas de informação e não segmentos textuais. Embora exija mais planejamento por parte do autor, esse tipo de conexão oferece ao leitor uma orientação mais precisa, já que marca de forma explícita as relações previstas pelo autor no processo de construção do hipertexto. As relações que envolvem cadeias de informação podem se restringir a duas ca-

deias ou envolver várias delas. Neste último caso, é possível ligar uma única cadeia de informação a várias outras ou, inversamente, relacionar várias cadeias distintas a uma cadeia de informação em particular. A primeira possibilidade amplia a gama de escolhas que o leitor pode fazer durante a leitura. A segunda permite que as informações consideradas relevantes pelo autor estejam disponíveis ao leitor pelos diferentes caminhos de leitura.

Embora a descrição de Landow refira-se a informações de natureza verbal, a classificação proposta, em ambiente de hipermídia, aplica-se também à inserção, na íntegra ou parcialmente, de diferentes documentos de imagem e som. Landow considera que a inclusão de uma percentagem mais alta de informação não-verbal na construção do hipertexto é um outro fator a ser considerado na quebra da linearidade característica do texto tradicional. O autor sugere, inclusive, que a incorporação de hipermídia no processo de produção do hipertexto implementa, na prática, a proposta de uma nova forma de escrita hieroglífica, a qual foi sugerida por Derrida como uma forma alternativa para escapar dos limites impostos pela linearidade do texto e evitar alguns dos problemas implícitos, portanto, inevitáveis, das versões impressas dos sistemas de escrita ocidentais.

A quebra da linearidade textual, seja pela integração dinâmica de múltiplas modalidades, seja pela apresentação de diferentes unidades de informação sem uma hierarquia pré-determinada, gera uma nova realidade comunicativa que não se enquadra, como mencionamos anteriormente, nas concepções tradicionais de "texto". Os problemas conceituais ficam ainda mais evidentes quando consideramos que os caminhos de navegação oferecidos pelo hipertexto podem remeter a textos e associações significativas que estão "dentro" ou "fora" dos limites de um mesmo hipertexto. Isso ocorre porque a construção de hipertextos tende a ser fundamentalmente "inclusiva". Discutindo essa questão, Burbules e Callister (2000) afirmam que a produção tradicional de texto para o meio

impresso tende a ser *exclusiva* devido a limites de tempo e espaço, que obrigam os autores a decidir, durante o processo de produção, quais são as informações fundamentais e quais precisavam ser deixadas de lado. Esse tipo de limite não se coloca para a produção de hipertextos, ou seja, qualquer informação considerada interessante ou relevante pode ser agregada ao texto e posta à disposição do leitor. Esse conjunto de acessos viabilizado pelos *links* digitais passa a ser *parte* constitutiva do texto apresentado na tela, tornando bastante difusa a determinação do que exatamente podemos considerar limites tanto do *texto* quanto da *autoria textual*.

Em relação ao conceito de *autoria* em ambiente de hipermissão, a intertextualidade constitutiva do texto dificulta a percepção do hipertexto como uma produção singular e autônoma, uma ilusão que é mais facilmente mantida em relação a textos impressos. Já em relação ao conceito de *texto*, é importante atentarmos para duas questões. Por um lado, perde-se a noção do texto como um “todo”: não é possível visualizar a “totalidade” do texto dentro dos limites da tela, e o autor não prevê que os leitores necessariamente sigam todos os caminhos disponibilizados para a navegação. Por outro lado, os segmentos de um hipertexto assumem um estatuto de maior completude em termos de sentido, já que são menos dependentes das informações antecedentes e subsequentes, como acontece em uma sucessão linear, modificando radicalmente a noção de contexto. Noções tradicionais como *começo*, *meio* e *fim* deixam de ser funcionais na descrição de hipertextos, uma vez que cabe ao leitor determinar as escolhas de caminhos de leitura. Formas tradicionais de edição textual e organização retórica passam a ser inoperantes nesse novo contexto de produção, em que aquilo que é marginal e o que é central aparecem no texto de forma indissociável. Esse conjunto de fatores certamente abala uma série de estratégias convencionalmente empregadas na produção e na leitura de textos.

4. A liberdade do leitor em ambiente de hipermídia

A natureza do hipertexto e a expansão na quantidade de informação que esse tipo de texto veicula afetam, compreensivelmente, os modos de leitura a que essa organização textual convida. De um modo geral, a literatura na área distingue três tipos diferentes de interação possíveis no processo de hiperleitura. Embora os termos adotados por diferentes autores não sejam os mesmos (ver Levy, 1997; Snyder, 1996; Burbules e Callister, 2000), existe um consenso de que a leitura de um hipertexto pode ser feita de diferentes maneiras. Ela pode ser feita em uma navegação casual e sem meta preestabelecida – e nesse processo, a escolha dos *links* disponíveis é guiada apenas pela mera curiosidade do leitor – como pode também ser orientada por um objetivo de leitura específico e preestabelecido (leitura em busca de informação). Há, também, a possibilidade de ela se constituir em um processo de co-autoria, como ocorre nos hipertextos abertos à inserção de novas informações ou *links*. Todas essas formas de interação com o texto digital apresentam em comum a liberdade de escolhas dos caminhos de leitura e a necessidade da participação ativa e interativa do leitor.

A natureza dessa participação está diretamente relacionada às características estruturais do hipertexto, como bem indicam Burbules e Callister (op.cit.). Discutindo a organização do texto digital e os modos de leitura ditados por ela, os autores recorrem à metáfora das estruturas rizomáticas, já sugeridas por Deleuze e Guattari. Uma estrutura rizomática (como a das gramíneas) depende de um sistema de raiz que é descentralizado e espalha-se em todas as direções. Tal estrutura é diferente do sistema de raiz das árvores, a qual depende de um eixo central que sustenta um conjunto hierarquicamente organizado de raízes secundárias, com graus de importância diferenciados dentro do sistema como um todo. A estrutura não hierárquica do rizoma permite que a raiz seja quebrada em qualquer ponto, sem que isso impeça a planta de renascer em pontos antigos ou novos.

Embora, em princípio, a metáfora da estrutura rizomática possa representar os modos de leitura não-lineares e não-hierárquicos adotados na interação com qualquer tipo de texto, mesmo os impressos, a disposição não-hierárquica do hipertexto *convida* a leituras alternativas de um mesmo material disponibilizado na tela. Isso acontece por duas razões: no texto impresso, cabe ao autor determinar a seqüência das diferentes informações oferecidas e marcar, de forma explícita ou subentendida, o eixo coesivo que as interliga; no hipertexto, cabe ao leitor, durante a leitura, determinar – com base em seu interesse, curiosidade, conhecimento prévio, ou tarefa de leitura – tanto a ordem de acesso às diferentes secções textuais, quanto o eixo coesivo que confere sentido ao texto lido. Mais especificamente, como a interpretação dada aos diferentes segmentos textuais vai depender do sentido construído para os segmentos lidos anteriormente (que se constituem em *co-textos* para a leitura), tornam-se menos previsíveis para o autor os possíveis sentidos que podem ser construídos durante a leitura. Isso faz com que o autor perca o controle básico sobre seu texto e, conseqüentemente, exerça menos controle em relação à direção de sentido oferecida a seu leitor virtual. Dado esse conjunto de especificidades do texto e da leitura no meio digital, alguns autores têm se referido ao hipertexto e às diferentes formas de hiperleitura como a concretização mais evidente das concepções pós-estruturalistas de leitura (Landow, 1997; Snyder, 1996). Algumas noções-chave dentro dessa orientação – como, por exemplo, as noções de texto “disperso” e de texto “descentrado”, a ênfase na intertextualidade e na pluralidade de leituras e o poder do leitor sobre sua leitura – parecem explicitar não uma determinada orientação ideológica e filosófica frente ao poder do autor e do texto, mas uma decorrência imposta pela própria organização do texto no meio digital.

5. Graus de liberdade e de controle nas interações sociais intermediadas pelo hipertexto

Considerando as especificidades apontadas sobre a natureza do hipertexto e suas condições de produção e leitura, não podemos ignorar que esse tipo de construção textual aumenta, potencialmente, a liberdade do leitor. Também é verdade que, em um certo sentido, a fragmentação e descentralização do texto diminui o controle do autor e favorece a construção de diferentes caminhos de interpretação. Se considerarmos os sistemas de hipertexto, principalmente os sistemas abertos, é igualmente inegável que a Internet oferece um acesso facilitado e rápido a uma gama ampla de informações. O posicionamento crítico durante a leitura pode ser informado por consultas – facilitadas pelas ferramentas de busca – que permitem verificações e contrastes entre informações de uma forma mais eficiente do que aquelas realizadas via fontes impressas. Mais importante ainda, como aponta Levy (1997) ao discutir as bases da *cibercultura*, o fato de a disponibilização de informação em rede não envolver custos permite que qualquer indivíduo possa divulgar amplamente seu texto, compartilhando suas idéias e posicionamentos com a coletividade virtual. Além disso, como a rede não possui comitês editoriais e não impõe nenhum tipo de censura prévia aos textos divulgados, diferentes vozes e posições discursivas podem ser socializadas de forma mais democrática, ampliando as opções de escolha oferecidas ao leitor. Essa multiplicação dos modos de divulgação e participação justifica o fato de alguns autores, como Levy, considerarem o meio digital como tendo um potencial incomum para a democratização do saber e dos diferentes discursos que subjazem à rede social.

No entanto, essas possibilidades, ainda que promissoras, devem ser contempladas com a devida cautela. O poder e o controle social não deixam de existir nesse novo meio: eles encontram formas alternativas de se impor tanto na Internet, de uma forma

geral, quanto na estruturação de hipertextos, em particular. Em relação à Internet, é importante considerar que nem todos os *sites* são abertos e que é possível restringir-lhes o acesso através da exigência de senhas. Outra questão sobre a qual é preciso ponderar é que, embora seja verdade que o volume de informação disponibilizado na rede permite ao leitor ter acesso a visões de mundo não contempladas em certos contextos sociais, os usos institucionais da Internet, como é o caso de cursos que recorrem a esse meio como ferramenta de ensino, restringem essas possibilidades ao indicar para os alunos os “*sites* confiáveis” para consulta. Essas indicações podem representar uma forma eficiente de promover a reprodução de códigos de significação socialmente aceitos.

Com relação à construção de hipertextos, não podemos ignorar que a colocação dos *links* determina, em última instância, caminhos para a leitura. Esses caminhos podem ser mais ou menos flexíveis, como sugere a classificação oferecida por Landow (1997). A liberdade do leitor pode ser, portanto, cerceada pela determinação prévia de um conjunto de caminhos possíveis. Ao construir a rede hipertextual, o autor pode, por exemplo, dar destaque diferenciado a certas informações, tornando-as caminhos de leitura sugeridos por diferentes segmentos textuais. Nesse caso, embora o leitor escolha caminhos, a não percepção do texto como um todo mascara o fato de que, na realidade, *todos os caminhos conduzem a Roma*. É fácil prever que tal possibilidade pode ser artilhosamente explorada no jogo social da manipulação ideológica, favorecendo modos mais velados de persuasão do que os encontrados nos textos impressos. Outro fator a ser considerado, nessa mesma direção, é que a integração de linguagens na rede pode também contribuir para o processo de reprodução e manipulação ideológica. Como já detectado na análise de textos jornalísticos, a construção de textos multimodais permite que as diferentes modalidades conduzam a diferentes direções de sentido. É possível, por exemplo, integrar a textos verbais “neutros” imagens que sustentam interpretações marcadamente tendenciosas.

Como ambas as linguagens são processadas de forma integrada, leitores mais ingênuos, iludidos pelo teor do texto verbal, podem não perceber a tendência interpretativa que o texto multimodal sugere. Essas nossas considerações, ainda que embrionárias, justificam o nosso interesse em refletir sobre o uso de hipertexto de forma não dissociada das práticas sociais mais amplas.

Sintetizando, procuramos, neste texto, inicialmente refletir sobre o hipertexto como produto de uma nova modalidade lingüística que supera os limites impostos pela leitura na tela e explora os recursos expressivos oferecidos pelo meio digital. Na seqüência, buscamos salientar o modo como as características textuais produzidas por essa nova modalidade geram a necessidade de repensarmos não só os conceitos tradicionais de “texto”, “autoria”, mas também o conceito de “leitura”, levando em conta que a liberdade do leitor em ambiente de hipermídia tem sido bastante discutida na literatura atual. Tendo essa discussão mais ampla como referência, gostaríamos de concluir este texto fazendo uma referência às colocações de Warschauer (1999). Segundo o autor, embora as novas tecnologias tenham um impacto significativo sobre os modos como vivenciamos e pensamos o letramento, a tecnologia não deve ser vista, em si mesma, como “todo-poderosa”, ou seja, as mudanças tecnológicas interagem com fatores sociais, econômicos, culturais e políticos, de modo a determinar o modo como o letramento é praticado. No nosso entender, cabe à teoria debruçar-se sobre essas questões a fim de capacitar-nos para melhor explorar os espaços potencialmente democráticos que o hipertexto abre para a leitura e confrontar criticamente os modos de reprodução ideológica que ele favorece.

ABSTRACT: *The paper focuses on the notion of hypertext as a product of a new language modality. It argues that this new modality gives rise to different textual realities, all being discussed in the literature under the single label of 'hypertext'. It also reflects on how the nature of hypertexts, in general, questions some tradi-*

tional concepts such as 'text' and 'authoring', and stresses the freedom that readers have when interacting with a text that is by nature decentered. Finally the paper concludes that hypertext may promote reader freedom but it does not completely avoid author control.

KEYWORDS: Hypertext; language modality; hypereading; reader freedom; author control.

BIBLIOGRAFIA

- BURBULES, N. C.; CALLISTER, T. A. Jr. (2000) Hypertext: knowledge at the crossroads. *Watch it: the risks and promises of information technologies for education*. Oxford: Westview Press.
- CHARTIER, R. (1997) *A aventura do livro: do leitor ao navegador*. São Paulo: Ed. Unesp.
- GAZETA, S. M. M. (2000) *A interação na Internet: a influência das novas tecnologias da comunicação na constituição de novos gêneros discursivos*. Campinas. Dissertação (Mestrado), IEL/Unicamp. <http://www.ead.unicamp.br/e-lang>
- GOMBRICH, E. (1986) *Verdade e estereótipo em Arte e Ilusão*. São Paulo: Martins Fontes.
- ILLICH, I. (1995) Um apelo à pesquisa em cultura escrita leiga. In: OLSON, D. R.; TORRANCE, N. (Eds.). *Cultura escrita e oralidade*. São Paulo: Editora Ática.
- KAPLAN, N. (1995) *Politexts, hypertexts, and other cultural formations in the late age of print*. <http://www.ibiblio.org/cmc/mag/1995/mar/kaplan.html>
- KRESS, G. (1998) Visual and verbal modes of representation in electronically mediated communication: the potentials of new forms of text. In: SNYDER, I. (Org.). *Page to screen: taking literacy into the electronic era*. New York/London: Routledge.
- _____. (1999) 'English' at the crossroads: rethinking curricula of communication in the context of the turn to the visual. In: HAWISHER, G. E.; SELFE, C. L. *Passions, pedagogies and 21st century technologies*. Longan/Utah: Utah State University Press.
- KRESS, G.; LEEUWEN, T. van (1996) *Reading image: the grammar of visual design*. London: Routledge.

- _____. (2001) *Multimodal discourse: the modes and media of contemporary communication*. London: Arnold.
- LANDOW, G. P. (1997) *Hypertext 2.0: the convergence of contemporary critical theory and technology*. Baltimore/London: University Press.
- LEVY, P. (1997) *Cibercultura*. São Paulo: Editora 34.
- MANOVICH, L. (2001) *The language of the new media*. Cambridge/Mass./London: The MIT Press.
- MARCUSCHI, L. A. (2002) *Gêneros textuais emergentes e atividades lingüísticas no contexto da tecnologia digital*. Conferência apresentada no L Encontro do GEL/USP. São Paulo, 23 a 25 de maio de 2002.
- MEURER, J. L. (2000) "O conhecimento de gêneros textuais e a formação do profissional de linguagem". Texto apresentado na 48ª Reunião Anual da SBPC.
- OLIVEIRA, G. R. (2002) *Ver para crer: a imagem como construção*. São Paulo. Dissertação (Mestrado inédita), FFLCH/USP.
- SELFE, C. (1989) Redefining literacy: the multilayered grammars of computers. In: HAWISHER, G. E.; SELFE, C. L. (Eds.). *Critical perspectives on computer and computers and composition instruction*. New York: Teachers College Press. <http://www.hu.mtu.edu/~cyselfe/texts/redefine.html>- 13.ago.2002.
- SNYDER, I. (1996) *Hypertext: the electronic labyrinth*. New York: University Press.
- _____. (1998) Beyond the hype: reassessing hypertext. In: SNYDER, I. (Ed.). *Page to screen: taking literacy into the electronic Era*. New York/London: Routledge.
- WARSCHAUER, M. (1999) *Electronic literacies: language, culture, and power in online education*. Mahwah, N. J./London: Lawrence Erlbaum Associates Publishers.
- XAVIER, A. C. (2002) *O hipertexto na sociedade da informação: a constituição do modo de enunciação*, Campinas. Tese (Doutorado), IEL/Unicamp.